

Que desafios se apresentam à clínica psicanalítica na atualidade? Como a psicanálise tem enfrentado as novas formas de manifestação do mal-estar contemporâneo? Os textos da coletânea *Desafios da clínica psicanalítica na atualidade* reúnem uma série de autores que se ocuparam da discussão dessas questões no I Encontro de Psicanálise promovido pela Clínica Dimensão de Goiânia e pelo Grupo de Transmissão e Estudos da Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae* de São Paulo. Ampliando esse espaço, trabalhos de outros autores buscam também novas formas de articular os impasses de nosso tempo.

A discussão encontrada nas páginas do livro expressa peculiaridades do trabalho que as novas modalidades de sofrimento psíquico presentes na prática psicanalítica impõem aos psicanalistas. Tendo como eixo principal a teoria freudiana, os autores dessa coletânea discorrem, de forma contundente, sobre a maneira como a convivência em um mundo globalizado, marcado pelas culturas do narcisismo e do consumo, gera conflitos que denunciam um mal-estar generalizado, cada vez mais caracterizado pelas manifestações corporais. Não é novidade afirmar que o mal-estar é inerente à civilização. No entanto, o livro evidencia novas formas desse mal-estar na atualidade, constituindo diferentes desafios à clínica.

Clínica psicanalítica e atualidade: diversas faces do mal-estar

Resenha de Fátima Milnitzky (org.), **Desafios da clínica psicanalítica na atualidade**, Goiânia, Dimensão, 2006, 161 p.

O texto de abertura, “O silêncio do sujeito: medicalização”, de autoria de Cleide Monteiro, nos alerta para o fato de como as dores da existência se caracterizam, hoje em dia, como doenças sobre as quais não há nada a dizer. Há uma “anestesia dos sentidos” (p. 15), uma ausência de referências à vida psíquica e relacional por parte dos pacientes. Na opinião da autora, a maciça medicalização que os avanços farmacológicos propagam como única terapêutica eficaz contra o sofrimento psíquico silencia a angústia, fornecendo um aparente bem-estar que, por sua vez, passa a ser o ideal de felicidade. Um desafio que a prática psicanalítica já tem enfrentado e, como pode ser depreendido do artigo em questão, se refere à necessidade premente de “fazer falar” este sujeito calado por intervenções químicas.

Nesse sentido, a Psicanálise se coloca como uma possibilidade de afirmação do sujeito, do conflito psíquico que lhe é inerente e da aposta na manutenção da experiência subjetiva.

Caminho semelhante é sugerido por Iso Alberto Ghertman em “O campo do acompanhamento terapêutico (AT): perspectivas político-clínicas”. Esse ensaio clínico ressalta a modalidade de acompanhamento terapêutico como sendo um espaço de escuta, no qual a aposta na subjetividade deve ser sustentada. O desafio à clínica psicanalítica, que se delineia a partir desta experiência, pode ser expresso como sendo o de clinicar fora dos *settings* tradicionais e, mesmo assim, se pautar por uma ética: não retroceder diante do sujeito, esteja ele onde estiver.

Outros autores também enfatizam o aspecto clínico dos impasses causados pelo mal-estar contemporâneo, seja por meio da análise da anorexia ou das novas tecnologias de reprodução assistida (NTRA). No tocante às tecnologias de reprodução humana, fica patente a existência de uma dissociação entre o sujeito e seu corpo, uma vez que este é tratado

como organismo e suas mazelas apenas como disfunções orgânicas. É preciso insistir, portanto, no enfrentamento do desafio de pensar o sujeito em conexão com seu corpo, tal como propõe a teoria freudiana. Nessa perspectiva, Danielle Breyton, Helena Albuquerque e Verônica Melo observam que a Psicanálise se apresenta como uma possibilidade de escuta do enigma do desejo, em oposição às NTRA, que se colocam ao lado da satisfação da demanda da mulher que diz querer um filho.

Escutar as históricas, às voltas com o feminino desde Freud até nossos dias, é o que se descortina no texto de Silvia Leonor Alonso – “A construção do feminino e do materno. Considerações sobre a questão no mal-estar contemporâneo”. A autora explora a heterogeneidade do *ser mulher* e a singularidade de um tornar-se mulher que figura tanto na mulher-mãe, idealizada, despojada de erotismo, destinada à reprodução, quanto na mulher da atualidade sobre a qual incide a demanda da imagem de um corpo sempre jovem e perfeito e para quem a forma de procriar filhos perfeitos é a reprodução assistida e a forma de parir é a cesariana. A autora sinaliza o apagamento do humano nas formas que se orientam por excluir as incertezas do caminho.

Em relação à anorexia, de acordo com a acepção de Soraia Bento Gorgati, em “Corpos desencarnados e sua figuração na anorexia”, na cultura da imagem que

imperna na atualidade, o corpo ganha destaque e passa a ser o lugar da experiência com os excessos. A anorexia expressa, no campo psicopatológico, uma exploração privilegiada dos ideais culturais de narcisismo e de consumo.

Maria Elisa Pessoa Labaki discute em "Psicossomática e Psicanálise: contaminações" a influência do pensamento freudiano na psicossomática. Trata da vinculação entre Psicossomática e Psicanálise no campo pulsional, interligando, no próprio trabalho de Freud, a etiologia das neuroses e a *descoberta* da pulsão de morte. Destaca, na atualidade, uma insuficiência das condições psíquicas em permitir a vinculação das pulsões, que se desviam do campo psíquico e voltam a se fazer readmitir na esfera somática.

O ponto em comum das investigações clínicas que o leitor encontrará em diferentes textos dessa compilação está na eleição do corpo como sendo um palco privilegiado para as manifestações do mal-estar. E é dentro desse contexto de reflexão sobre a problemática do corpo no panorama atual que o ensaio de Joel Birman, "Corpos e formas de subjetivação", contribui para o esforço de elucidação dos desafios que a teoria e a prática psicanalíticas enfrentam nos tempos atuais. Birman aborda, de forma clara e precisa, as formas

pelos quais o corpo é apropriado pela Psicanálise desde seus primórdios. Dessa forma contribui para que os psicanalistas tenham mais recursos para lidar com o desafio de transpor o mal-estar corporal, vivido hoje em dia, para o campo psíquico, já que o tratamento das questões corporais deve se dar na esfera psíquica, como demonstra Freud.

Por sua vez, as temáticas do narcisismo e do consumo estão no centro de duas propostas de discussão metapsicológica, acerca dos desafios contemporâneos, presentes nos artigos de Fátima Milnitsky e de Nelson da Silva Júnior. Em "Uma psicopatologia do consumo: relação entre narcisismo e situações de consumo", Milnitsky propõe uma mudança de paradigma, na abordagem das relações entre a sexualidade e o dinheiro nas práticas sociais, para pensar a respeito dos desafios que se apresentam à clínica psicanalítica. E

a autora afirma: "Se no caso dos destinos da pulsão o que está em jogo são as formas de produção da sexualidade, na sua equivalência com o dinheiro, o que está em jogo são as formas de consumo da sexualidade" (p. 40).

Para Nelson da Silva Júnior, os desafios clínicos que a Psicanálise vê diante de si, na contemporaneidade, têm sua base em uma articulação da banalização da perversão com a hegemonia do registro econômico sobre o sujeito no mundo atual. Esta idéia está na mesma direção da análise de Milnitsky sobre as relações de consumo na atualidade, uma vez que este autor também acredita que "em vez de empregar as forças libidinais insatisfeitas no trabalho, conforme postula Freud, a nova gramática libidinal exige que a saciedade erótica se realize no prazer de consumir" (p. 111). Mas como tudo isso se dá a ver? Por meio dos fenômenos de compulsão à repetição e de masoquismo erógeno, afirma o autor, como exemplificam as destruições intencionais do corpo e a existência de uma relação com a lei cada vez mais frouxa, sem qualquer conotação de transgressão, tão comuns nos dias de hoje.

O mal-estar contemporâneo transborda em um corpo que não se sustenta somente na lógica representacional e repetitiva que a primeira teoria das pulsões engendra, mas que expressa, de forma cada vez mais eloqüente, os efeitos do transbordamento pulsional, uma vez que o corpo é um receptor das excitações excessivas e traumáticas que a pulsão de morte acarreta, excesso este que transborda justamente porque não tem possibilidades de integração psíquica. Resta, então, aos psicanalistas, trabalhar, clínica e teoricamente, com as duas lógicas pulsionais — às vezes, em oposição; noutras, intrincadas. Faz-se necessário, mais do que nunca, escutar o que o sujeito tem a dizer. Da leitura dos diferentes textos e estilos que compõem esse livro, depreende-se uma apropriação profícua da teoria freudiana naquilo que ela tem de mais fascinante: sua capacidade de fazer trabalhar os conceitos, sempre na tentativa de responder, de maneira consistente, às novas formas de sofrimento psíquico.

Marinella Morgana de Mendonça é psicanalista, mestre em Psicologia pela UFMG, professora substituta do Curso de Psicologia da UFMG.